

A NOSSA TERRA, A NOSSA VIDA, A NOSSA GENTE: EPISTEMOLOGIA POÉTICA DE SALETE MARIA DA SILVA

Bruna Paiva de Lucena*

Resumo

O conceito de *experiência* desenvolvido no âmbito das teorias feministas e o conceito de *verdade* elaborado no campo dos estudos do folheto de cordel são importantes para se compreender a obra da cordelista Salete Maria da Silva. Ao propor epistemologias que se constroem a partir da observação, da vivência e da experiência da realidade, essa autora defende a experiência da vida como uma potência que significa tanto a realidade da vida quanto a realidade da arte, sendo suas obras espaços de construção estética, política e ética.

Palavras-chave: cordel; Salete Maria da Silva; interpretação

*Eu sou a mosca
Que pousou em sua sopa
Eu sou a mosca
Que pintou pra lhe abusar
Raul Seixas*

Os protestos que aconteceram em Santiago, no Chile, no dia 11 de abril de 2013, nos quais mais de cem mil pessoas, em sua maioria estudantes, reivindicaram uma educação pública, gratuita e de qualidade, tinham por marca a frase “Creemos en la utopía porque la realidad nos parece imposible”. Desde então, essa afirmação pode ser lida em diversos muros e manifestações populares de inúmeras cidades espelhadas pela América Latina.

Figura 1 – Muros pichados com a frase “Creemos en la utopía porque la realidad nos parece imposible”



Fonte: Google Images¹⁷

* Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Dalcastagnè. *Email:* brunaplucena@gmail.com.

¹⁷ Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=creemos+en+la+utopia+porque+la+realidad+nos+parece+imposible&biw=1280&bih=699&tbm=isch>. Acesso em: 2 out. 2014.

A inversão semântica em que se assenta o significado desse pensamento, a utopia (impossível) seria o possível e a realidade (possível) seria o impossível, questiona a legitimidade do que tradicionalmente se entende por realidade e por utopia, com a finalidade de propor um ideal de acordo com o qual a crença em uma utopia substitui a possibilidade de convivência, e porque não dizer convivência, com determinada realidade, supostamente impossível de ser vivida pelos que a questionam.

No cordel “O milagre *travesthriller*: a história da travesti que (com fé) engravidou”, de 2010, a cordelista Salete Maria propõe justamente um alargamento de uma realidade opressora, por meio do milagre do discurso – a criação de outras realidades, sejam elas possíveis ou impossíveis.

Figura 2 – Cartazes de divulgação da pré-estréia do filme.



Fonte: Página do filme Travesthriller no Facebook¹⁸.

Nesse filme-cordel, narram-se as gravações de um curta-metragem de suspense cujo argumento consiste na saga da travesti Shirley Dayanna para engravidar. A realidade criada por Salete comporta uma travesti que menstrua e clama a Deus uma ajuda, fazendo-lhe orações e promessas.

Subindo a Serra do Horto
Ao som do 'baby pirei'
Com seu olhar absorto
Curtindo seu happy day
Ao lado da comitiva
Desfila ela, a diva
Orgulho da causa gay

¹⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Travesthriller?fref=ts>>. Acesso em: 2 out. 2014.

De baby-look brilhosa
E mini-saia rendada
Com sua bota estilosa
E a cabeleira dourada
Beijando o seu amor
Ela entoa um louvor
No meio da romeirada

Parando nas Estações
E agradecendo com fé
Balbuciando orações
Cumprimentando Seu Zé
Jogando beijos no ar
Ela acena sem parar
Pra bicha, home e muié

O filme é encenado
Nas ruas de Juá City
O povo tá encantado
Com o tal enredo beat
O roteiro é a história
Da neta de Dona Glória
E filha de Idelzuíte

Trata-se duma promessa
Que Shirley Dayanna fez
Assim a cena começa
Em Dois Mil e Dezesesseis
O Milagre Travesthriller
É dirigido por Muller
E fala de gravidez (Silva, 2010).

Shirley Dayanna, no intuito de engravidar, acessa diversas instâncias: faz promessa a Nossa Senhora da Conceição, clama a Deus, procura um advogado a fim de que recorra a Justiça dos homens a seu favor, vai a um grupo de apoio a livre orientação sexual de sua região, a uma benzedeira, consulta a opinião de uma amiga feminista e, por fim, na estante dessa amiga, pega um livro de bruxarias “As Bichas Madres de Aurora”, que a ensinam a utilizar o poder da mente par conseguir o seu feito. E dito e certo, após realizar as bruxarias descritas nesse livro, Shirley Dayanna engravida!

Nesse cordel-filme, são trazidos diversos discursos: o religioso, o institucional, o acadêmico, o militante, o místico e, principalmente, o discurso ficcional, responsável por aglomerar todos os outros discursos e sendo o único que possibilita a efetivação do milagre desejado por Shirley Dayanna.

Inspirado declaradamente pelo teatro do absurdo e do insólito de Eugène Ionesco, o cordel, recheado de muito humor e jogando no ventilador críticas a todas essas instancias discursivas, uma vez que relativiza a efetividade desses discursos na compreensão do desejo de Shirley, coloca-se como um lampejo em face da impossibilidade da realidade,

buscando trazer compreensão onde, para os discursos da realidade, há incompreensão e absurdo. Até mesmo sua amiga “feminista entendida” a repreende:

Shirley, você tá pirada
Perdeu a noção de tudo
Deixe dessa palhaçada
Deus pra você está mudo
E o Padre Ciço Romão
Não lhe dará atenção
Tudo isso é absurdo!

Para que engravidar?
Nestes tempos pós-modernos!
Todas querem abortar!
Leia aqui nos meus cadernos!
Quando eu penso que vocês
São as radicais da vez...
Defendem mitos eternos

Já que quer ser genitora
Porque não faz adoção?
Hoje a lei é promissora
Basta uma petição...
Minha filha, se oriente
Seja mulher diferente
Deixe de esculhambação (Silva, 2010).

Nesse trecho do cordel, temos, em primeira pessoa, o discurso da amiga feminista entendida. Há também outros: o de Deus, o de um advogado, o de um militante LGBTT e o de uma benzedeira. Todos são unânimes em afirmar a impossibilidade e o absurdo do intento de Shyrley Dayanna, o qual, no entanto, se concretiza na ficção do filme-cordel. O jogo entre realidade possível e utopia impossível é virado, mesmo que apenas ficcionalmente.

Em um mundo de discursos e pensamentos muitas vezes condenados a perpetuar histórias únicas e generalizantes, reprodutoras de normas universais e universalmente aceitas, a ficção criada por Salete propõe-se a não ignorar a possibilidade da ficção de inventar histórias possíveis ao pensamento, e ao questionamento de pensamentos. O filme-cordel cria um mundo que aceita excessos, exceções, descabidos, conforme as ideias do filósofo Hilan Bensusan, em *Excessos e exceções: por uma ontologia sem cabimento*. Nesse sentido, talvez a ficção pudesse ser compreendida como um espaço de interrogações, inclusões, deslocamentos, associações, enfim de realidades e utopias que alargassem os discursos, o mundo e os pensamentos.

Salete arrisca-se, coloca-se desafiadoramente entre as teorias *queer* e as essencialistas, sendo, predominante, contudo, uma dicção humanizante para com a protagonista do filme-cordel e um tom ironizante em relação aos discursos que a cercam e que não conseguem dar conta das possibilidades da existência. A terra, a vida e a gente de Shirley Dayanna não a acolhem em sua saga de gerar um filho, apenas após a concretização do milagre elas a congratulam.

Assim se deu o milagre
Travesthriller sensual
E cachaça com vinagre
Foi a poção magical
Shirley Dayanna feliz
Foi à missa da matriz
Numa entrada triunfal

Desceu as ruas do centro
E o povo todo aplaudindo
Ela sentia por dentro
O menino se bulindo
Era sua apoteose
Nem lembrava da neurose
Que antes vinha sentindo

A notícia se espalhou
Como água na ladeira
Shirley mal engravidou
E o boato já na feira
Todo mundo interessado
No novo mito gerado
Nesta terra milagreira

Virou capa de jornal
Da Palmeirinha ao Sudão
Na mídia internacional
Rádio e televisão
Até o Barack Obama
Enviou um telegrama
Festejando a ocasião

O prefeito da cidade
Mandou congratulações
Mais de mil autoridades
Fizeram bajulações
Ouviu-se o bispo dizendo
Que o feito era tremendo
Digno de celebrações

A gravidez mais falada
Desta era milenar
Muita tese elaborada
Tentando tudo explicar
Cafuçu fazendo intriga
Falando mal da amiga
Mas querendo o seu lugar (Silva, 2010).

O filme-cordel termina com uma visão panorâmica da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, a Juá City de Padim Ciço Romão, havendo a integração do espaço, das pessoas e da protagonista Shirley Dayanne, ressignificando-se a tradição da poética do folheto de cordel de narrar a terra, a vida e a gente. Outra característica tradicional do folheto de cordel que é ressignificada pela cordelista é o conceito de verdade trabalhado nessa obra.

Segundo a estudiosa Ria Lemaire, os poetas e cantadores da oralidade “reivindicam incessantemente a verdade como característica principal da palavra proferida”, apresentando-se como “testemunhas da verdade” (Lemaire, 2011, p. 294), sendo o folheto de cordel “muito mais do que a literatura e muito diferente dela” (Lemaire, 2011, p. 297). À poética de Salete Maria, contudo, aplica-se apenas em parte essa concepção, visto que, ao passo que a cordelista reivindica as idéias de *testemunho*, *porta-voz*, categorias que distinguem essa poética da mera ficção, ela também radicaliza com a própria ficção, fazendo não só ficção, mas uma ficção insólita e absurda. No *Post Script* do folheto, diz:

As fontes bibliográficas?
É simples, amigo meu...
São as histórias fantásticas
Que a vida me ofereceu
De bêbo, puta e doutor
Beato e embolador
Viado, índio e ateu!

A cordelista, ao mesmo tempo, alinha-se e desalinha-se à tradição do folheto de cordel, assim como aproxima-se e afasta-se da realidade, construindo um mundo de possibilidades e utopias. Da mesma forma, Salete traça uma perspectiva sobre o conceito de ficção que se distingue do valorado e disseminado pelo campo das letras. Para a autora, a ficção cordelística relaciona-se diretamente à poesia e à política, sendo uma produção que visa ao ativismo político. A dicção militante de Salete, entremeada por muito humor e ironia, é posta em defesa dos direitos de minorias, configurando-se como forma de resistência discursiva e teórica e uma forma de “apontar ou fazer emergir regiões de conflito, como forma de intervenção suplementar (no sentido derridiano) em espaços de integração e consenso”.

Nesse contexto, a obra de Salete é um local de desafio e de questionamento de realidades possíveis e impossíveis, questionando, desmontando, desconstruindo e intervindo, forçando a “mútua implicação” (Viveiros de Castro, 2002, 119) de instancias discursivas, assim como a mútua implicação de modos de existência.

A potência da existência da obra de Salete é estética e política e não afirma a autoridade de uma hegemonia, não a reconhece como referencial e não reforça o seu poder em um sistema, mas realiza o que Rita Terezinha Schmidt chama de pensar “as próprias margens” – e “não *da* e *na* margem, o que viria a ser uma forma de colonialismo cultural” (Schmidt, 1996, p. 115).

Referências bibliográficas

- BENSUSAN, Hilan (2008). *Excessos e exceções: por uma ontologia sem cabimento*. São Paulo: Ideias e Letras.
- LEMAIRE, Ria (2011). “As verdades da verdade: o folheto entre oralidade e escrita”. In: *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto: CITCEM – Edições Afrontamento.
- SCHMIDT, Rita Teresinha. (1996). “Cânone e contra-cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro. In CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL – Editora da Unissinos.
- SILVA, Salete Maria da (2010). “O milagre *travesthriller*: a história da travesti que (com fé) engravidou”. Disponível em: <cordelirando.blogspot.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2014.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2002). “O nativo relativo”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci_arttext>. Acessado em: 23 out. 2012.